

# Chile é exemplo para devedores

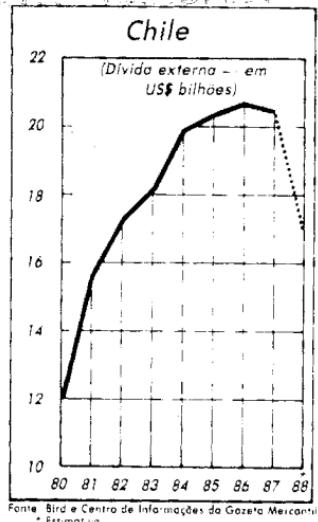
por Getulio Bittencourt  
de Nova York

"Os únicos países que estão crescendo no Terceiro Mundo são os que estão pagando a dívida externa, como o Chile", disse recentemente o senador brasileiro Roberto Campos (PDS-MT). Os números desse país, de fato, não param de alegrar os bancos credores.

A previsão de crescimento da economia chilena para este ano é de 8,5%, vinda de um crescimento médio de 5,8% ao ano desde 1986. O país foi duramente atingido pela crise do sistema financeiro internacional detonada com a moratória do México em agosto de 1982, mas recuperou-se depois de um penoso ajustamento em 1984 e 1985.

Quando a crise eclodiu, a dívida externa chilena correspondia a 125% do Produto Interno Bruto (PIB). Sua relação entre dívida e exportações era de 5,2 vezes. O déficit do Tesouro era de 4% do PIB. E o déficit do governo em conta corrente era de 12% do PIB.

Hoje o déficit do Tesouro está completamente zerado, e o déficit em conta corrente, reduzido a 2% do



PIB. A relação entre dívida e exportações caiu para menos da metade. Através de um programa de conversão de dívida por investimentos e da recompra de dívida, o país reduziu em US\$ 3 bilhões sua dívida externa ao longo do último ano.

Em 1983, a dívida externa total do Chile ultrapassava um pouco os US\$ 20 bilhões, dos quais US\$ 14,3 bilhões devidos a bancos comerciais. De lá para cá, a dívida com os bancos comerciais caiu para US\$ 6,5

bilhões, e estima-se que deve cair mais US\$ 500 milhões até o final do ano. "A dívida com os bancos pode cair para US\$ 5 bilhões em dezembro de 1990, quando começa o pagamento do principal", prevêem Thomas Hanley e seus colegas num estudo para o Banco de Investimentos Salomon Brothers.

Tudo isso aconteceu com os chilenos empregando apenas US\$ 150 milhões de suas reservas em moeda forte, sem acesso ao mercado secundário e sem recurso ao Plano Brady. A redução da dívida já soma US\$ 8 bilhões — uma redução de um terço desde 1985. O programa aconteceu também sem agravar a inflação, que deve ficar entre 12 e 15% ao ano em 1989, vinda de mais de 30% em 1985.

Outros números são igualmente surpreendentes. O desemprego deve ficar em 7% neste ano, quase um quarto dos 25% registrados no auge da crise, em 1983. O saldo positivo da balança comercial deve alcançar US\$ 2 bilhões neste ano, vindo de US\$ 100 milhões há seis anos.

(Continua na página 2)

6 NOV 1988